

## A importância da linguagem gastronómica nas sátiras de Juvenal

DINA MARIA BAPTISTA ABREU

*Universidade de Aveiro / Praxis XXI*

**Abstract:** The gastronomic language and imagery represent in Juvenal's satires an important instrument of both criticism and knowledge of Roman society. The descriptions of either a banquet or a frugal meal mirror a society overwhelmed by a mentality which neglects the old moral, ethical and social precepts.

**Keywords:** gastronomic language and imagery; social criticism (cultural, political, economic); Juvenal; Latin Literature

Desfolhávamos um livro qualquer nas estantes de uma livraria, quando o nosso olhar se fixara nas seguintes palavras:

*Declaro a ti e à Europa que nunca me passou pela ideia escrever uma chorumenta e condimentosa análise dos teus versos.  
... Vão agora berrar contra mim os borras da crítica, os cozinheiros de empadões literários, que tratavam àquele ranço alemão tão ingrato aos paladares caprichosos dos teus e dos meus leitores, que querem a iguaria acirrante, leve ao estômago intelectual, e digna de se esquecer uma hora depois.*

*Camilo Castelo Branco*

*Porto, 10 de Setembro de 1858.*<sup>1</sup>

Ainda que a declaração pronunciada se insira num contexto peculiar da literatura portuguesa, a verdade é que não é estranho o uso da linguagem gastronómica na literatura e mais concretamente no género satírico, dada a riqueza de sentidos que aquela comporta. Por isso, fizeram-nos as palavras de Camilo estabelecer um relação de afinidade com as afamadas palavras de Juvenal — *panem et circenses* — e por extensão com todas as suas sátiras, não só pela aproximação do campo semântico usado, como também pelas conotações que este adquire.

---

<sup>1</sup> A declaração proferida por Camilo Castelo Branco inicia o prefácio do livro *Sátiras* da autoria de Faustino Xavier de Novais (org. e pref. De Viale Moutinho, Lisboa s/d) e faz parte da correspondência trocada entre os dois amigos.

Inserida na sátira 10<sup>2</sup> a máxima *panem et circenses* nascera como um cliché do cidadão romano médio, que não se dedicando a nenhum trabalho, vive do alimento gratuito<sup>3</sup> e do prazer proporcionado pelo espectáculo da arena, do circo, do teatro ou até mesmo das termas (cf. Juv. 8.167-170).

Em Roma, o problema da subsistência fora desde cedo um problema fundamental, quer do ponto de vista do bem-estar físico como da estabilidade social. A necessidade de assegurar o abastecimento público, defendida e elogiada por Plínio-o-Velho, fora entendida já pelo grego Xenofonte como obrigação do chefe e torna-se num ditame importante na Época da República, e sobretudo na Época Imperial, a partir de Nero. No tempo da República o governador deveria encarregar-se de manter o exército e oferecer alimentos à população civil de Roma. Júlio César distribuía entre os seus súbditos carne de porco, azeite e trigo. E durante o mandato do seu sucessor o número dos que recebiam regularmente alimentos do estado ascendia aos 320 mil. O Imperador Domiciano, segundo Suetónio, *'aboliu a distribuição das sportulas públicas entre o povo e restabeleceu o costume de oferecer justas refeições'*<sup>4</sup>.

Tenhamos contudo em atenção que a distribuição de alimentos e sobretudo os divertimentos não constituem em si um acto de pura bondade, mas intencionalmente um boletim de voto ou metaforicamente aquilo que poderíamos considerar como a 'bagette mágica' do tirano que com esta alimenta o seu povo e o diverte, com o intuito de o afastar das suas funções cívicas e acima de tudo de o fazer esquecer as desigualdades sociais, deixando, desta forma, o caminho livre para que os governadores

---

<sup>2</sup> *[Populus Romanus] nam qui dabat olim  
Imperium, fascēs, legiones, omnia, nunc se  
Continet adque duas tantum res anxius optat  
Panem et Circenses.* (Juv.10.78-81 )

<sup>3</sup> O Tribuno Caio Graco promulgara a *lex frumentaria*, que consistia na distribuição gratuita de trigo entre o povo.

<sup>4</sup> Suetónio, *Domitianus*,7.10-11. A ideia enunciada é reiterada por Marcial *in* 1.49. Na época de Marcial a *sportula*, que consistia numa quantidade de dinheiro que o *patronus* entregava diariamente ao *cliens*, surgira como substituição de um convite para comer. Esta fora uma medida tomada por Nero. Porém, Domiciano tentou sem êxito restabelecer o antigo costume do convite real para comer.

possam obter autonomia política suficiente para governar de acordo com os seus propósitos.

Inúmeras vezes é reiterada a fórmula *panem et circenses* quando se fala da vida quotidiana em Roma ou mais concretamente quando se introduz o tema dos jogos. A associação do gosto dos Romanos pelo divertimento é evidente e sempre referido como primeiro plano na interpretação da frase de Juvenal. Porém, reduzir o sentido do vocábulo *panis* ao pão, ou melhor, ao alimento que o parasita procura obter com pouco ou nenhum trabalho, fruto das ofertas concedidas pelo próprio Imperador e de todos aqueles que a troco de uma saudação matinal ou de um pequeno favor lhe permitem uma refeição digna ou algum dinheiro para a mesma, parece-nos demasiado simplista e redutor.

A referência ao alimento, muitas vezes pouco explicada, em detrimento da importância que possuem os divertimentos em Roma, parece-nos prorrogar uma reflexão sobre a alimentação dos Romanos, bem como seus hábitos sociais, preceitos morais, económicos e políticos. É evidente que o alimento que qualquer parasita procura não é um alimento tão simples como o pão, no sentido em que o entendemos hoje, e, também no sentido que tinha entre os Romanos primitivos. Surgindo esta frase na Época Imperial, tão afamada entre nós pelos excessos nos banquetes e festins, quem poderá pensar que o pão era o pasto mais apetecível nesta época para os Romanos?

É certo que sempre se tem traduzido o vocábulo *panis* com o sentido genérico de alimento, sem se particularizar o tipo específico que satisfaz ao Romano, Contudo, curamos que não será casual a escolha deste vocábulo para uma máxima que sintetiza muito bem a maneira de viver e de ser de um povo. Poderemos afirmar que, para além de ser sobretudo pão que se distribuía durante os jogos e do trigo ser desde logo um dos principais alimentos que se comprometera o governador a distribuir, Juvenal é um satírico cujas sátiras falam não somente por aquilo que afirmam, mas também, e sobretudo, pelas palavras escolhidas e pelas imagens que pinta. Nada parece ser feito inopinadamente, nem mesmo a escolha de um vocábulo que tem vindo, segundo nos parece, a ser atirado para segundo plano no esclarecimento do importante preceito latino.

A realidade dos Romanos mudara bastante e se num primeiro momento, fruto de uma vida essencialmente rústica, este povo se alimentava de produtos simples e vulgares, oriundos da terra que cultivavam, como os vegetais, as papas (*puls*), antepassados do pão, e pontualmente de carne e de peixe preparados com bastante simplicidade, a verdade é que o processo de urbanização progressiva da sociedade romana, juntamente com o contacto com civilizações avançadas, foi capaz de distanciar os cidadãos do seu ideal da vida (*otium cum dignidade*) e aproximá-los das diversas especulações e negócios (*nec-otium*) que acompanham o gosto por uma vida requintada. Por conseguinte, aos Romanos torna-se repugnante jantar numa vasilha de barro e é considerado uma afronta se são obrigados a sentarem-se numa modesta, simples e campestre mesa sabina (cf. Juv. 3.168-9)

A natureza parece querer ser substituída pelo artificial e a *natura* deixa-se ultrapassar pelo *ingenium*. E Juvenal demonstra ter plena consciência desta realidade, por um lado, quando coloca em confronto o passado digno e modesto dos inícios da República, com o presente exótico, excêntrico e corrupto da Época Imperial, e, por outro lado, sempre que concretiza esta ideia com imagens subtilmente irónicas ou afirmações tão explícitas, como quando afirma que os vegetais, alimento essencial na dieta dos Romanos primitivos, parece ser agora uma raridade que sobrevive apenas na mesa do homem do campo que os cultiva na sua propriedade (cf. 11.60-65/70-75) ou um alimento que apenas é apreciado pelos Pitagóricos, verdadeiros vegetarianos.

*Vive bidentis amans et culti uillicus horti,  
Vnde epulum possis centum dare Pythagoreis.*  
(3.229-230)

Relativamente ao *puls*<sup>5</sup>, que alimentava toda a família, este desaparecera nas culturas romanas não havendo pelo menos a sensibilidade

---

<sup>5</sup> O *puls*, antepassado do pão, constituía um alimento de tal modo essencial na alimentação dos Romanos que, segundo testemunham as comédias plautinas, era este o alimento que identificava os Romanos junto dos Gregos, que designavam os primeiros de *Pultiphagus* (Plauto, *Mos.* 828) ou de *Pultiphagnides* (Plauto, *Poen.* 54). Agora nem mesmo o conhecido gastrónomo Apício prepara os *pultes* como dantes.

suficiente para substituir aqueles campos frutíferos por belos jardins (Juv. 14.166-172).

Mudam-se os tempos, mudam-se os gostos e ventos estrangeiros trazem agora novas iguarias, ficando, por isso, esquecidos o *puls* e o azeite<sup>6</sup> que outrora alimentava os Romanos humildes (Juv. 3.79-85).

O *puls* dos antepassados fora ultrapassado pelo pão, propriamente dito, de tal modo que se o primeiro acalentava inicialmente todas as bocas famintas, o pão tornara-se num alimento selectivo, i.é, de acordo com as suas características converte-se em diferenciador das distintas classes sociais que o comem.

Eram incontáveis as variedades de pão e os nomes dos diferentes tipos foram sofrendo alterações ao longo dos tempos. Mas verdade é que estes variam, por um lado, pela cor e pela farinha com que são confeccionados e, por outro lado, pela categoria social a que se destinam.

Juvenal na sátira 5 (vv. 67-71) distingue o pão comido pelo senhor e pelos convidados, que possuindo qualidades distintas se diferenciam nitidamente pela cor (...*Impleri panisque tui nouisse colorem?* v. 71). E acrescenta o satírico uma referência ao *far*, um tipo de pão feito com água ou leite e de farinha que estava longe de ser pura, com o intuito de evidenciar a humilhação a que muitas vezes se prestam os pobres. Este pão que começara por ser uma das bases do sustento das campanhas, (11.108 *Ponebat igitur Tusco farrata catino*) e mesmo das classes pobres urbanas, parece ter sido na Época Imperial o pasto reservado unicamente aos animais. Mas mesmo assim considera Juvenal na sátira 5 (vv. 9-11) ser mais honroso para o pobre comer um bom pedaço de *farris*, destinado ao cão, do que aceitar um convite tão humilhante do rico para comer.

---

Estes fazem apenas parte de um prato composto por inúmeros condimentos (Ap. *De Re coquinaria* 5.1.1-4).

<sup>6</sup> O azeite era considerado um alimento base na alimentação dos Romanos. A *lex Manciana* do séc. II a C. legislava a produção cerealífera e oleícola do ultramar. Durante este mesmo ano estava também em vigor a *Annona*, que consistia na distribuição oficial do pão e do azeite pela população empobrecida. A *Annona* dos mais pobres consistia em cereais, azeitonas e uma medida de azeite.

*...tantine iniuria cenaee,  
tam ieiuna fames, cum possit honestius illic  
et tremere et sordes farris mordere canini?*

Por conseguinte, a contínua e evidente transformação ocorrida nos hábitos alimentares dos Romanos transportou-se de igual modo para o pão, que também conheceu evidentes modificações graças à introdução do fermento.

O pão romano sem levedante conheceu no séc. I d.C. o *fermentum*, o qual permitira um alargamento na variedade deste alimento e constituiria de igual modo uma poderosa arma colocada ao serviço de todos os que facilmente encontram na temática gastronómica fonte de inspiração para críticas, ironias ou julgamentos. Se o fermento faz levedar o pão então fará também levedar a imaginação de qualquer satírico, que facilmente encontra na metáfora do gérmem a imagem da falsidade, da hipocrisia e da soberba, que faz encorpar tantos senhores ricos. Tomemos como base desta afirmação as palavras enunciadas por Juvenal na sátira 3 (vv.187-9) a propósito do que pode ser oferecida a um cliente pelo senhor.

*...Plena domus libis uenaliibus: accipe, et istud  
fermentum tibi habe. Praestare tributa clientes  
cogimur et cultis augere peculia seruis.*

*A casa está cheia de bolos para vender: aceita e toma para ti este  
fermento. Nós os clientes vimo-nos obrigados a pagar tributo e a aumentar  
o pecúlio dos escravos elegantes.*

Apesar de haver algumas discussões em torno da interpretação deste excerto<sup>7</sup>, a verdade é que é possível admitir uma tradução que vai ao encontro da constante humilhação a que estavam sujeitos os clientes: aquilo que é oferecido ao cliente é uma levedura, que fazendo-lhe inchar o estômago, provoca neste um azedume tão forte que, para além da fome que continuará a ter, sentir-se-á indisposto. Diríamos que o fermento adquire assim o sentido de um gracejo ou zombaria, não só pela imagem que consegue criar e que facilmente se coaduna com a ideia do inchaço e

---

<sup>7</sup> Sobre as divergências em torno destes versos cf. Juvénal, *Satires* (Texte trad. et établie par Pierre de Labriolle et François Villeneuve) (Paris 1996) 206.

do vácuo, mas também pelo facto deste apenas fazer sentido nas mãos de quem possui farinha e água suficiente para fazer o pão. Teria o pobre cliente tais ingredientes?

Fermento pode também significar numa linguagem figurativa cólera ou ira e se se admitir esta tradução, teremos então de afirmar que a gratificação dada ao cliente é simplesmente a cólera e a ira do senhor e não o pão que mata a sua fome e o mantém.

Os jogos continuam a entreter o povo, mas o mantimento simples e vulgar de outrora é já raro na casa dos Romanos. O pão que dantes estava presente na casa de todo o que se esforçava por o ter, tendera a desaparecer<sup>8</sup>: dos ricos, porque outras iguarias se elevam; na casa dos pobres porque não há dinheiro para o comprar, ou porque esquecendo o trabalho correm atrás dos saborosos manjares do rico. Testemunha Juvenal na sátira 5 que o desditoso com a preocupação de se igualar ao afortunado acaba por comer ainda pior do que os próprios animais, que têm pelo menos o *far*. Ao primeiro apenas está destinado a ausência do pão ou o desprazer de roer um pão demasiado rijo e cheio de bolor oferecido humilhanamente por Virrão que o convidara a jantar em sua casa (Juv. 5.67-69).

O pão torna-se quase num luxo em casa do Romano e a antiga farinha misturada com água ou leite, que tantas bocas saciava, convertera-se na Época Imperial em máscaras de beleza. O exotismo, a extravagância e a ostentação do luxo e das riquezas prevalece acima de tudo, por isso, na sátira 2 (v. 108), Juvenal faz alusão ao general Ótão que, mandando assassinar Galba, cuida da sua pele estendendo no rosto com os dedos um pão comprimido<sup>9</sup>. Ridícula é a imagem do pão que embelezando o rosto de um assassino parece ser cúmplice desse mesmo acto. A referência à máscara de beleza é repetida posteriormente na

---

<sup>8</sup> Juvenal refere que o pão era um alimento base nos tempos antigos, tempos onde predominava a sensatez campesina e onde o pão era ganho com o esforço do trabalho do homem. (14.181-2) Esquecera o homem a necessidade de obter os seus alimentos com base no esforço do seu trabalho, logo como pode ele continuar a querer ter à sua mesa os saudáveis alimentos de outrora?

<sup>9</sup> A compressa delgada de pão era amassada com leite de burra, o qual era usado nos banhos de beleza.

sátira 6 (vv. 461-463) onde a mulher, a sua grande protagonista, aumenta a sua pulcritude com uma máscara feita de pão.

Tudo mudara na sociedade romana e o vocábulo *panis*, presente na máxima de Juvenal como o modesto pão, ou num sentido mais lato como o vulgar alimento, que consola o estômago pouco exigente cujas vidas são preenchidas pelo prazer proporcionado pelo circo, passara a estar aliado não à alimentação essencial, como outrora, mas à superficialidade e vaidade dos Romanos, concretizada no cuidado da sua formosura.

As conquistas e as expansões na Época da República e do Império provocaram um enriquecimento enorme sobretudo na alimentação das classes dirigentes<sup>10</sup>, mas também um intenso gosto das classes mais baixas de acompanharem os gostos das primeiras. E se em casa não conseguem satisfazer tais desejos, tentam ser convidados para os banquetes e festins dos senhores mais ricos, submetendo-se muitas vezes a situações tão ridículas como a que nos descreve Juvenal na sátira 5: Virrão, o senhor rico, convida os seus clientes para um repasto abundante e requintado, porém, nem abundante e muito menos requintado parece ter sido a exígua refeição dos convidados. Marcial de igual modo testemunha a humilhação daquele que é convidado para uma refeição desigual em que tudo o que é servido ao senhor e ao cliente é diferente.<sup>11</sup>

Se a realidade gastronómica sofrera uma crescente evolução, pelo contrário, encontrara a economia romana um decréscimo acentuado. A vida em Roma torna-se cada vez mais difícil e mais cara, por isso Úmbrico, na sátira 3, não podendo fazer frente a tais dificuldades retira-se para Cumas, onde a natureza através do trabalho se transforma em alimento e onde a vida não é tão cara nem perigosa. Em Roma tudo custa muito dinheiro: *Magno hospitium miserabile, magno/ seruorum uentres,*

---

<sup>10</sup> A influência dos Gregos e de outros povos nos hábitos culinários é documentada por Plínio-o-Velho quando afirma *in* 15.105:

... *E para que pareça que nada deixou de ser criado para o ventre humano, misturam-se os sabores e um obriga o outro a aguardar ; são também misturadas as terras e as regiões celestes: numa iguaria recorre-se à Índia, noutra ao Egipto, a Creta, a Cirene e a todas as nações. A civilização não se detém sequer perante os venenos, desde que tudo devore.*

<sup>11</sup> Mart. 3.60. Considera Marcial que se deixara de haver a *sportula* então que coma o senhor e o cliente a mesma refeição.

*et frugi cenula magno* (3.166-167) ‘Uma miserável hospedagem é cara, caro é o estômago dos escravos e cara é uma refeiçãozinha frugal’. O contraste evidenciado através dos adjetivos *frugi*, *magno* e do diminutivo *cenula* torna estilisticamente visível o hiato existente entre o preço da comida e a modesta refeição. Contudo, constituindo o paladar a única razão de viver — *et quibus in solo uiuende causa palato est* (11.11) — é precisamente o mais caro que maior agrado provoca ao Romano. O mais miserável de todos é precisamente o que come melhor e mais refinadamente, por isso, fácil é vê-lo derrubar-se aos poucos como os velhos edifícios cujas paredes se rasgam e se gretam (Juv. 11.12-13), ou ver diminuir as suas economias, enquanto aumenta a sua gula — *...deficiente crumina et crescente gula...* (11.38-39).

Para os ricos por mais cara que seja sustentar uma casa é imprescindível a existência de um perito na combinação de pratos e um cozinheiro hábil em comida, ainda que estes se tornem demasiado caros. De igual modo os serventes são imprescindíveis na casa de qualquer rico e também o seu preço os distingue na forma como servem (5.59-62). Os criados que servem a refeição em casa de Juvenal, na sátira 11, não sabem cortar a comida como os criados de Virrão, todavia não precisam de o saber, dado que as comidas simples e modestas que são servidas não necessitam de tais técnicas. Estes escravos não são importados, mas filhos do próprio pastor ou do vaqueiro. A cara destes espelha honestidade, aquela que deveriam revelar os que se vestem de púrpura, e não possuem a voz efeminada dos moços que a todos os serviços se prestavam (12.45-168). Na sátira 5, o hiato social entre Virrão e os seus convidados torna-se visível não só pelas desigualdades gastronômicas, mas também pelos diferentes servos que lhes estão destinados: ao conviva serve-o um *cursor Gaetulus aut nigri manus ossea Mauri*, semelhante a um fantasma que aquele poderia ter o desprivilégio de ver durante a noite (5.52-55); diante do senhor, pelo contrário, está a *flos Asiae*, (...) *pretio maiore paratus/quam (...) Tulli census pugnacis et Anci/ et,... Romanorum omnia regum/ friuola*.(5.56-58). Diferentes pela origem e pelo preço, os próprios servos, que servem ao senhor, tornam-se arrogantes em relação aos pobres convidados e aos próprios companheiros que foram compra-

dos por muito menos dinheiro — *Nescit tot milibus emptus/ pauperibus miscere puer: sed forma, sed aetas/ digna supercilio* (5.60-62).

Adverte Juvenal que o preceito ‘*conhece-te a ti mesmo*’ (11.27), o qual é proferido pelos céus, deveria estar gravado no coração dos homens, pois se assim fosse conheceriam estes melhor as suas disponibilidades financeiras, quer para os assuntos mais pequenos como para os maiores, como quando compram um salmonete tendo apenas na sua bolsa o suficiente para um pequeno cadoz. E a isto pergunta metaforicamente Juvenal: que final poderá ter este homem que vê o seu dinheiro e o seu património naufragarem no seu ventre sendo este capaz de engolir rendimentos, prata maciça, campos e rebanhos? (11.38-41) A imagem dos bens que naufragam no ventre do homem, que tudo engole, para além de ser bastante sugestiva e referida outras vezes por Juvenal, faz-nos recordar a Ode 1.14 de Horácio, cuja imagem da nau se refere ao Estado e aos perigos a que este está sujeito. Já não possui a nau remos, nem está o casco suficientemente capaz de aguentar o imperioso mar. As suas velas já não se mantêm inteiras e se continuar a turbulência do mar ficará a nau sem efígies divinas, por isso, aconselha-a Horácio a procurar um porto seguro — *fortites occupa portum*. Instável está o Estado e com ele o poder político, social e económico da sociedade.

Em Juvenal, os desejos insaciáveis da Gula fazem naufragar no ventre do homem todos os seus bens, os quais são cingidos pelas caras e sumptuosas comidas, que imergindo todas de uma só vez incendiam tempestivamente as traves do navio, imagem do próprio homem arruinado.

Encontram afinidades estas duas imagens no naufrágio e afundamento total de alguém, que deixando-se envolver pelas circunstâncias perde a lucidez e é arrastado pela turbulência. Aproximam-se as imagens, mas também o próprio conselho dado pelos poetas: aconselha Horácio a nau a procurar um porto seguro e a não ser um juguete do furacão (*Tu, nisi uentis / debes ludibrium, caue.*); e Juvenal adverte o homem a gravar no seu coração o preceito *conhece-te a ti mesmo*, pois só assim conseguirá definir os seus limites e interesses.

O dinheiro estabelece uma relação muito forte com a comida e com a própria categoria social do Romano. Hoje tal como ontem é pelo dinheiro que uma pessoa se consegue afirmar na sociedade (3.143-4), por isso, assegura Juvenal que aquele que possui uma fraca economia vergonha tem de levantar a cabeça (3.164-5) e que para muitos o dinheiro emprestado é de imediato consumido, i.é, ingerido como uma iguaria. (11.46-47).

*O gesto quotidiano próprio para se poder sobreviver tendera a transformar-se num ritual requintado, onde as novas técnicas de preparação e confecção das refeições impõem uma arte tão delicada como a de um artista que esculpe na pedra grosseira a figura delicada de uma Vénus ou de uma vestal pura e intocável. A diferença entre os artistas não está propriamente no seu trabalho atento e minucioso, mas no resultado e nos fins a que este se destina. A escultura, esculpida a partir de uma só pedra, torna-se bela aos olhares e, por isso, admira-se e contempla-se, enquanto os pratos requintados, atraentes aos olhares, tragam-se com a rusticidade própria de um povo nas suas origens cultivadores e soldados frugais. Além disso, o gosto pela multiplicidade de ingredientes privilegia a sobreposição e a justaposição em detrimento da combinação e da harmonia entre os elementos preparados. A peça única a partir da qual o escultor cinzela uma bela estátua converte-se para o cozinheiro num alimento cujo aroma natural é alterado pelo uso excessivo de ervas aromáticas, especiarias ou molhos complicadíssimos.<sup>12</sup>*

Para a mudança de hábitos alimentares muito contribuiu o livro *De Re Coquinaria*, exemplo daquilo que poderíamos considerar o ‘barroquismo culinário’, da autoria de Apício, o conhecido gastrónomo romano responsável por receitas complicadas e habilidosas, como a sua receita de peixe feita sem peixe (*De Re Coq.* 9.9.10-12) ou receitas extravagantes e exóticas, onde a pimenta não é dispensada nem mesmo na doçaria.

---

<sup>12</sup> A alimentação romana tradicional era em tempos frugal e muito simples, mas de facto, apesar do elogio feito por Plínio-o-Velho, ele próprio se apercebia de que as mudanças penetravam a um ritmo cada vez mais acelerado em Roma:

Para o Homem, o alimento simples é o mais útil; a acumulação de sabores é perniciososa e mais perigosa ainda com condimentos. São dificilmente digeridos todos os alimentos mais picantes, ásperos, não habituais, diferentes, sortidos em excesso e com sofreguidão. A digestão é mais difícil no Verão do que no Inverno e mais penosa na velhice do que na juventude. O hábito de vomitar, inventado como remédio para o efeito, torna o corpo mais frio e é inimigo sobretudo dos olhos e dos dentes. (11.282)

Comer bem é cada vez mais sinónimo de viver banhado numa mescla de alimentos e sabores e sentir-se completamente inflamado pela digestão daqueles. A Gula apoderara-se dos Romanos de tal forma que passara a orientar o seu modo de comer e de viver, por isso, afirmou Horácio *in Ep.* 1.6.55-67:

*Si bene qui cenat uiuit, lucet, eamus  
Quo ducit gula, piscemur, uenemur, ...*

Mas que culpa tem o Romano por ter a Gula como orientadora da sua vida, se esta se aprende automaticamente ou quase instintivamente com os pais? Afirma Juvenal na sátira 14 (vv. 10-14):

*Cum septimus annus  
Transierit puerum, nondum omni dente renato,  
Barbaros licet admoueat mille inde magistros,  
Hinc totidem, cupiet lauto cenare paratu  
Semper et a magna non degenerare culina.*

Horácio documentara já nas suas sátiras que o fim da República e início do Império é marcado por uma filosofia de excessos e exotismos onde a Gula se personifica e quase é tratado como uma deusa.<sup>13</sup> E Juvenal reitera esta ideia, demonstrada muitas vezes através de uma simples imagem onde a sobriedade dos antigos é posta em confronto e ultrapassada pelos desejos insaciáveis de um estômago continuamente faminto de extravagantes iguarias.

Perante as cogitações que temos vindo a fazer sobre a mudança de hábitos alimentares e da mentalidade de toda a população romana, julgamos que a interpretação da máxima juvenalina poderá ser mais arrojada, mas não menos legítima. Vários foram os autores que testemunharam a importância que o divertimento e a boa comida tiveram junto dos Romanos, de tal modo que as palavras de Juvenal parecem querer tornar visíveis a presença de dois novos deuses que se impõem aos Romanos: a Gula e o Divertimento, responsáveis pela efémera felicidade,

---

<sup>13</sup> Afirma Horácio *in* 2.2.39-40: “*porrectum magno magnum spectare catino / uellet*” *ait harpuiis gula digna rapacibus*. A personificação da gula é um procedimento satírico tomado da diátribe grega. Sendo a gula um dos pecados capitais é também ela digna de censura.(cf. Juv. 14.9 sg.)

mas também pela crescente ignorância e baixa moral, ética, social e até mesmo econômica dos Romanos. O povo instituiu a Gula e o Diver-timento como os dois deuses pagãos mais adorados, e os governadores parecem ter consciência de que a adoração e admiração do povo para com eles próprios está dependente da satisfação que os dois deuses anteriores proporcionam ao povo. Esclarece Juvenal na sátira 11 (vv.17-20) que a comida dos gladiadores era má, todavia, um bom banquete era-lhes servido antes dos combates. Pois que outra função teria esta copiosa refeição se não fosse para dar a estes Homens a força suficiente para proporcionarem ao povo um bom espetáculo?<sup>14</sup>

E se os Latinos aceitam o governador em função do que este lhes oferece, o mesmo se passava com os Gregos. Testemunhara o comediógrafo Aristófanes na comédia *Os Cavaleiros* que o povo tudo vê em termos de comida até mesmo a governação. Pergunta o Salsicheiro ao Povo: *Povo, porque não decides qual de nós trata melhor de ti e da tua pança?* (vv.1207-8) E escolhe a plebe para governador precisamente o Salsicheiro, unicamente porque apresenta a cesta mais recheada do que Paflagônio. Gira a decisão do povo em torno da comida, por isso, satíricos e comediógrafos usam nas suas obras a linguagem mais perceptível por todos: a da gastronomia.

Imediatamente na sátira primeira, considerada a sátira programática de Juvenal, o poeta deixa bem claro que a linguagem gastronômica será o material usado para metaforicamente falar dos inúmeros vícios que consomem a sociedade da época e que estará o gosto pela comida intrinsecamente ligado à vida dos Romanos.

Em paralelo, Juvenal faz questão de colocar passo a passo a abundância de vícios com a copiosa opulência de alimentos e condimentos importados dos diversos países conquistados. O estímulo de Juvenal para escrever sátiras advém-lhe da indignação que a sociedade

---

<sup>14</sup> As festas, os combates de gladiadores e as opíparas refeições oferecidas aos espectadores, estavam sempre interligados. E os imperadores conheciam a importância de tudo isto para atrair a si as atenções do povo. Relata Suetônio a propósito de Domiciano: *Congiarium populo nummorum trecenorum ter dedit atque inter spectacula muneris largissimum epulum Septimontiali sacro...* (Dom. 4.5)

lhe provoca<sup>15</sup>, mas sobretudo porque não encontra outra época tão copiosa na abundância de vícios. E curiosamente na enumeração das variadíssimas máculas que apresenta como fonte de inspiração, surge desde logo a figura de um glutão que sozinho comeu sete pratos (1.94-5), mais do que os cinco pratos servidos na famosa *cena* de Trimalquião. Anunciada a primeira referência aos glutões, seguem-se posteriormente as profundas desigualdades sociais existentes entre os clientes pobres e os senhores ricos, as quais são sintetizadas através de uma linguagem gastronómica que se converte metaforicamente na imagem da avareza, excesso e excentricidade dos ricos e na imagem de pobreza do cliente. Afirma Juvenal na sátira 1 (vv.136-47):

*‘Os clientes velhos e esgotados abandonam os vestibulos e renunciam aos seus desejos por mais que a esperança de uma cena seja longínqua para um homem: os pobres têm de comprar a couve e o fogo; o seu dono, pelo contrário, devorará o mais caro dos bosques e do mar, se reclinará sem companhia alguma no seu comedor. Engolem-se patrimónios numa mesa solitária servida com enormes e preciosas bandejas muito antigas. Não haverá ali nenhum convidado. Mas quem tolerará esta avareza nos ricos como deve ser a gula que se manda servir javalis inteiros, um animal para convite entre amigos?’*

Perante tal avareza, como é óbvio, segue-se o castigo: a morte daquele que depois do farto banquete se banha na água, pensando assim facilitar a digestão. Posteriormente, é reiterado este mesmo castigo com uma situação mais concreta, quando Juvenal apresenta a figura de um glutão que depois de devorar 100 ostras imerge num tanque de água perfumada de rosas.

A máxima horaciana, *Si bene qui cenat benet uiuit*, (*Ep.* 1.6.61-2) tendera a ser cada vez mais entendida afastada dos preceitos estóicos que combinam com a moderação, para se aproximarem de um pensamento em que viver bem é cada vez mais sinónimo de comer exageradamente bem, isto é, em quantidade e não em qualidade. E os satíricos, como se

---

<sup>15</sup> Juv. 1.75: *Si natura negat, facit uersum*. Condensa-se nesta afirmação a opção poética de Juvenal: a sua poesia não necessita de *ingenium*, ‘talento’ nem *ars* ‘técnica’, basta-lhe apenas a sua *indignatio* inspirada pelo espectáculo da corrupção romana (vv. 22-87).

estivessem continuamente a brincar, tratam o caso de uma forma tão séria que os excessos se convertem em crimes que a própria natureza se encarrega de castigar, pois o resultado de tais actos não pode ser outro senão o da morte do corpo e da carteira.

Mas se a comida provoca a morte, de igual modo outros vícios e pecados podem ser castigados precisamente durante a refeição. Na sátira 13 afirma o satírico que aquele que medita no crime é já culpado e se o coloca em prática, uma angústia sem fim o abandona mesmo na hora de comer, ficando a comida feita numa bola entre os molares, que pode mesmo engasgar (vv. 211-215).

Na sátira 2, na continuação dos aspectos negativos e reprováveis da sociedade, descreve Juvenal parodicamente as festas que, devendo ser celebradas pelas mulheres em honra da *Bona Dea*, são celebradas por homens que se apresentam feminilmente vestidos. Tais celebrações têm como sacerdote um velho *rarum ac memorabile magni / gutturis exemplum conducendusque magister* (2.113-114). Ainda que se trate da paródica descrição de uma celebração que não era permitida aos homens, a verdade é que a imagem do sacerdote que costuma presidir aos festejos religiosos é nitidamente identificado como modelo de uma insaciável glotonaria. E esta é uma imagem que encontrará subtilmente paralelo quando Juvenal afirma que o barqueiro destina o enorme rodvalho a Domiciano identificado como Sumo Pontífice (4.45-46), cargo vitalício que estava muito relacionado com as refeições opíparas.<sup>16</sup>

A imagem do sacerdote a quem lhe agradam as boas comidas tem sido reiterada constantemente na literatura, tornando-se num protótipo que tem passado ao longo do tempo. Recordemos o nosso familiar *Auto da barca do Inferno* de Gil Vicente, e tentemos reconstruir a figura do frade, uma das entidades máximas da Igreja. Surgindo com um broquel e uma espada na mão faz-se acompanhar de uma bela jovem, Constância, a sua namorada, convencido de que o seu lugar já estaria garantido no céu. Pois enganara-se o frade, condenado pelo Diabo que lhe dá a sentença: *devoto padre marido/ haveis de ser cá pingado* (v. 415-6). O vocábulo

---

<sup>16</sup> Cf. Suetónio, *Dom.* 4.5.

pingado refere-se aos pingos de gordura que iriam ferver no fogo infernal e simbolizam o pecado da gula, tal como em Juvenal o vocábulo *gutturis* de igual modo o simboliza. Mas a referência ao pecado do frade através do participio passado do verbo pingar parece encontrar um outro ponto de convergência com Juvenal, nomeadamente quando na sátira 8 (v. 147) é apresentado o *pinguis Lateranus*, uma figura que tomando parte na conjuração de Pisão e que, pagando os seus actos com a morte, representa as taras indignas de alguns cidadãos romanos. Um só adjectivo converte-se em símbolo da gula e por alargamento de tudo o que o condenou à morte.

Parece-nos conterem as passagens acima referidas elementos essenciais para compreendermos a importância que a temática gastronómica adquire nas sátiras de Juvenal e de uma forma subtil e até mesmo camuflada na máxima *panem et circenses*. Conhecer a mentalidade dos Romanos descrita pelo nosso satírico passará por conhecer os seus hábitos e excessos alimentares.

É certamente do conhecimento de todos a fórmula proverbial: Diz-me com quem andas e eu dir-te-ei quem és. Ao Romano dos finais da República, inícios da época Imperial, poderíamos aplicar a máxima: Diz-me o que comes e de que forma comes e eu dir-te-ei quem és. Digamos que uma simples receita se pode tornar em Roma em algo muito mais poderoso do que numa simples *techne* e converter-se num conceito estético ao serviço do conhecimento e da crítica. Do conhecimento porque dependendo do que se come e do número de pratos servidos à mesa é possível diferenciar o pobre do rico (Juv. 3.143). E da crítica, pois é através da teatralização de imagens tão rotineiras como a refeição em casa de qualquer família que o leitor se apercebe do ridículo a que se expõe todos os dias.

Relativamente às exigências do estômago muitos podem ser os contratempos que se lhe impõem: a qualidade da comida, as circunstâncias em que esta é servida ou a mão que a oferece. Desta forma, se o estômago do senhor ferve com o vinho e as comidas certamente exóticas, condimentadas e complicadas de Apício — *si stomachus domini feruet uinoque ciboque* — logo lhe é servida uma água gelada como digestivo — *frigidior Geticis petitur decocta pruinis* (Juv. 5 .49-50) —

que acalmará a combustão, ficando de novo o templo pronto para novas oferendas receber. Assim acontece com Virrão e com os seus amigos em detrimento dos seus humildes convidados, na sátira 5, a quem a comida indigesta cola-se ao estômago e fermenta, mas aqui quer a água que lhes é servida, quer o próprio escravo que a serve são maus para o estômago e o inflamam ainda mais. Nas pobres *insulae* é possível morrer durante o sono, não só com os constantes barulhos e acidentes ocorridos durante a noite mas também fruto da insípida comida que arde no estômago (3.232-4): *set ipsum / languorem perepit cibus imperfectus et haerens/ ardenti stomacho*. Acrescenta Juvenal ‘podes ser tomado por negligente e pouco provisor de acidentes repentinos, se tomas assento numa refeição sem fazeres testamento.’ (3.272-4) <sup>17</sup>.

Quer a forma verbal usada em relação ao estômago do rico — *stomachus ... feruet* — quer em relação ao do pobre — *ardenti stomacho* — possuem em si uma ideia não só de azedume mas também de queimadura, e neste sentido parece-nos possível enquadrar ambos os verbos no campo da combustão juntamente com vocábulos como *incendo* e *incendere*, termos associados aos rotineiros incêndios ocorridos em Roma<sup>18</sup>. E isto porque Juvenal descrevera de uma forma similar duas situações que aparentemente nada pareciam ter em paralelo: se a casa do pobre sofre a desgraça do incêndio (3.201sg.) logo tudo perde e ninguém o socorre. Mas se o mesmo acontece em casa do rico, pelo contrário, é considerado calamidade pública e todos ajudam e duplicam o seu património. Ora similar é a situação referente aos alimentos ingeridos. Pois se o estômago do rico sofre azedumes, logo o escravo lhe serve uma água gelada, como digestivo; se o estômago do pobre se inflama nada retira a sua dor.

---

<sup>17</sup> Ridiculamente muitas vezes morrem homens pobres com a insípida comida que lhes inflama o estômago, mas mais ridícula é a morte do rico que é capaz de comer ao jantar 100 ostras de *gaurus* e de se imergir posteriormente numa caldeira cheia de perfume.

<sup>18</sup> Cf. P. Muro Meléndez-Valdés "Los verbos del campo de la combustión en asociación con los de otros campos", *Actes del Xè simposi de la secció catalana de la Seec*. Homenatge a Josep Alsina, Tarragona, 20 a 30 de Novembre de 1990, II (Diputació Tarragona 1992.)

A revolução do estômago humano provocada por uma mesclagem de alimentos converte-se numa verdadeira paródia, já que o estômago carregado de excessos é capaz de arrastar o seu espírito ausentando-o dos verdadeiros conceitos e capaz de conduzir o homem à morte física e social.

Mas se o estômago dos ricos e dos pobres inflama dependendo da comida que ingere, o ventre de algumas mulheres apenas entra em combustão quando as circunstâncias não lhes são favoráveis.

A mulher adúltera é capaz de aguentar tudo, isto é, tem estômago para tudo — *quae moechium sequitur, stomacho valet* (6.100). Se o marido a manda embarcar, ela tem tonturas e logo o seu estômago, inflamado pelas circunstâncias desfavoráveis, a faz vomitar precisamente em cima do cônjuge. Porém, a adúltera quando se encontra com os marinheiros logo se apresenta com um forte estômago, pronto a receber todos os alimentos. Não há enjoos, desmaios ou tonturas que as impeçam de desfrutar da companhia dos homens.

Mas muito mais do que o que fora referido conseguem aguentar os estômagos das mulheres quando, presentes em orgias nocturnas, mordem à meia-noite grandes ostras e bebem directamente das conchas vinho perfumado com essências aromáticas. Comida e bebida surgem do ponto de vista moral como símbolo de um mesmo vício: *intemperantia*.

O dinheiro atrai a si costumes exóticos e hábitos seculares caem por terra: Vénus e Baco unem-se agora para eliminar totalmente quaisquer rasgos de vergonha e moralidade que pudessem existir. Por isso, saciadas com as afrodisíacas ostras e com o vinho perfumado, estão as mulheres prontas para profanar o templo da deusa do pudor, a *Pudicitia* Patrícia situada no *Forum Boarium*

Nesta descrição que alia comida, orgias e profanação, é evidente uma relação que ao longo dos tempos não tem passado despercebida junto dos satíricos e que consiste na ligação entre a comida e o sexo, bem documentada na *Cena* de Trimalquião e que em muito se deve à capacidade que ambas têm de produção e reprodução, mas sobretudo aos

excessos sexuais a que a comida, ou mais concretamente certos alimentos, e o vinho podem conduzir.<sup>19</sup>

Se em Juvenal as ostras conduzem aos excessos e às profanações do templo, hoje os variados alimentos afrodisíacos servem de matéria para vender muitas revistas feministas e ensinar os segredos de um apetecível romance. Além disso, reza a sabedoria popular que o homem tal como o peixe apanha-se pela boca.

Juvenal ao longo das suas sátiras conseguiu sempre tirar o máximo partido das referências gastronómicas e, por isso, não as dispensou na apresentação da mulher, seus procedimentos e características. E uma das relações mais imediatas entre a comida e a mulher, para além das situações já apresentadas, prende-se com o facto de várias mulheres usarem a comida como forma de envenenamento, a fim de conseguirem atingir os seus objectivos. Juvenal chega mesmo a fazer um alerta aos jovens para que não confiem na comida que lhes for dada pelas suas madrastas (6.629-31). A comida enquanto forma de envenenamento e consequentemente de morte surge na sociedade da época aliada aos excessos, mas também a um propósito deliberado de com esta cometer certos crimes.

A descrição de um banquete com pratos exóticos, luxuosos e extravagantes torna-se símbolo de desperdício e excessos e como tal, ocultando muitas vezes a voz do satírico, coloca as pessoas e as circunstâncias descritas a falarem por si. O satírico elabora apenas um relatório externo da situação. Quase que poderíamos afirmar que a verdade da realidade dos Romanos é dada pela imagem da comida.

Quer no passado, quer no presente, muitos foram e continuam a ser os autores que usaram e usam a alimentação ou termos pertencentes ao campo da gastronomia e da cozinha com sentidos múltiplos, dado que tais vocábulos se prestam a diferentes significados. Acepções como “devorar”, “engolir” ou “comer” foram transportados para o campo da crítica social de uma forma imediata, por muitos autores. Destacamos

---

<sup>19</sup> Sobre alimentos afrodisíacos ler: *O livro de cozinha de Apício. Um breviário do gosto imperial romano* (Intr., trad. e comentários de Inês de Ornellas e Castro) [s/d].

apenas Victor Hugo, não só pela admiração que nutrimos por ele, mas sobretudo porque, enquanto retratista e crítico da sociedade da sua época inspirou-se várias vezes em Juvenal<sup>20</sup>. Victor Hugo vira na metáfora da comida a imagem da pobreza e do esforço humano degolado e engolido por aqueles cuja sensibilidade não lhes permite saborear os verdadeiros valores da vida. E no poema *Les caves de Lilles*, onde se afunda o suor das mulheres, dos homens e das crianças depois de longas horas a trabalhar é visível esta cruel metáfora:

*Caves de Lilles! On meurt sous vos plafonds de pierre!  
J'ai vu, vu de ces yeux pleurant sous ma paupière...  
C'est de ces douleurs—là que sortent vos richesses,...  
Dans le festin qu'égaie un lustre à mille branches,  
Chacune, en souriant, dans ses belles dents blanches  
Mange un enfant vivant!*

*(Les Châtiments, 3.9. Joyeuse vie, 1853)*

Engolem os poderosos a criança viva, como se se tratasse de uma iguaria posta na mesa do rico ou de verdadeiros canibais<sup>21</sup> que não conhecendo outras manjares devoram os ossos do cadáver que acabaram de encontrar ou de matar.

Parece encontrar este excerto a sua fonte mais profunda nas palavras com que encerra Juvenal a sátira 15, onde com toda a sua *indignatio* grita contra a barbaridade daqueles que não se satisfazem em matar o homem, mas são mesmo capazes de o comer como qualquer outro animal comestível. Falava Juvenal em particular dos Egípcios, seus hábitos e fanatismo religioso, mas pensava certamente em todas as atrocidades cometidas em Roma onde gladiadores lutam entre si ; onde feras e homens se guerreiam ; ou até mesmo na forma como sugam os ricos o sangue dos pobres. Por isso, considera ser o exemplo dos Egípcios capaz de produzir a feroz crueldade da sua época (15.33-34). E a isto alia mais uma vez a referência aos Pitagóricos, que muito se admirariam se

---

<sup>20</sup> Cf. Romain Vinest-Amar, "Victor Hugo et Juvénal" *Bulletin de L'Association Guillaume*. Trimestriel, 3, Octobre (1999)

<sup>21</sup> Confronte-se o poema de Victor Hugo com a sátira 15 de Juvenal, onde o satírico faz um confronto entre os canibais de outrora que não conheciam outro alimento que não fosse a carne humana com os Egípcios cujos cultos e atitudes são próprias dos canibais.

vissem tais atrocidades, logo eles que, recusando-se comer carne humana, também não se atreviam a comer certos legumes como é o caso das favas (15.169-174). O contraste estabelecido entre o comportamento bárbaro dos homens que se devoram uns aos outros e a referência à teoria da metempsicose dos Pitagóricos, para além de ridicularizar duas situações extremas, consegue acima de tudo tornar ainda mais negativa e feroz a realidade que envolve o poeta, onde muitas vezes a carne humana se converte em carne comestível.

O satírico consegue imagens bizarras com referências à comida, extraíndo dela certos simbolismos. E, Juvenal, conhecedor desta realidade, já muito bem explorada por Horácio, sobretudo no segundo livro de sátiras, não só fez uso da linguagem metafórica como soube escolher o melhor género que a ela se adequava: **a Satura**.

Entendera Diomedes a *satura* como um *lanx*, i. é, um prato que cheio de variadas primícias — *variis multisque primitiis* — era oferecido aos deuses ou como um enchido — *farcinem* — feito com vários ingredientes — *multibus rebus refertum* —<sup>22</sup> e de igual modo corrobora Isidoro a ideia de a *satura* estar associada a uma variedade de comida.<sup>23</sup> Assim sendo, tal relação etimológica orientou desde logo o trabalho dos satíricos. Por um lado, porque consideram que as suas sátiras são alimentadas por uma miscelânea de ingredientes, fornecidos pela própria sociedade que serve de inspiração para as suas palavras.<sup>24</sup> Por outro lado, porque a linguagem e as imagens gastronómicas, permitem ao satírico enriquecer o texto literário com novas conotações e criar nele a ambiguidade tão do agrado da ironia satírica.

As pequenas necessidades do Homem tornam-se em poderosos símbolos do carácter moral e ético dos Romanos e permitem ao satírico,

---

<sup>22</sup> Diomedes I 485 G.L.K.

<sup>23</sup> Isidoro, *Orig.* 20.8 *satietas ex uno cibo dici potest, pro eo quod satis est; saturitas autem a satura nomen accepit, quod est uario alimentorum adparatu compositum.*

<sup>24</sup> Juvenal parece ter consciência desta realidade quando na *sat.* 1.85-6 descreve o assunto subjectivo da sua obra como: *quidquid agunt homines, uotum, timor, ira, uoluptas, / gaudia, discursus, nostri farrago libelli est.* Sobre a explicação destes versos ler: M. Coffey, *Roman satire.* (1976) (London 1989) 15.

através da descrição de situações verdadeiramente ridículas, pintar a sociedade da época exageradamente afundada no contraste entre ricos e pobres. Ricos cobardes, mas verdadeiros soberbos oferecem em sua casa opíparos banquetes aos pobres famintos, que perdendo a sua dignidade tudo suportam para poderem comer pelo menos as sobras exóticas e esquisitas dos senhores ricos. Na sátira 5, Juvenal coloca-nos perante um banquete oferecido por Virrão aos seus supostos amigos, e falamos de supostos amigos porque se um banquete segundo Juvenal deve ser fruto de uma amizade (5.14) o que temos aqui é a imagem ridícula de uma amizade que não é sincera, mas interesseira, por um lado, e humilhante, por outro. O ridículo deste banquete é conseguido, quer pelo contraste das peripécias que se vão descrevendo, quer pela humilhação a que se submetem os pobres.

O tratamento em termos de oferta gastronómica que é dado aos clientes em casa do senhor corresponde precisamente ao trato social da época, e as qualidades gastronómicas dos pratos servidos às profundas desigualdades sociais. O cliente em casa do senhor terá como entrada insultos e zombarias, beberá o vinho por uma vasilha partida e limpar-se-á a um pano que trará de casa e que certamente não estará em bom estado.

Se ao senhor é servido por um belo jovem um pedaço de pão branco e mole, ao convidado é oferecido um pão intragável não só pela sua dureza e composição, mas também porque é servido por alguém que mais parece um fantasma (5.65-6).

Segue-se a lagosta rodeada de espargos servida num majestoso prato, mas ao cliente é servido num pequenino prato apenas um camarãozinho próprio para uma ceia funerária. A imagem fúnebre trata-se de uma nítida fantasia literária que não tem outro propósito senão o de mostrar o extremo da má comida servida ao convidado.

E o azeite que é servido com o peixe? Aquele certamente será igual para todos os convivas. Pois enganam-se os convidados a quem lhes é

servido o azeite próprio para acender lareiras<sup>25</sup> e bom para imunizar contra o veneno das serpentes. Pretenderia transmitir este azeite alguma advertência ao convidado? Se o pretendia não tivera resultados satisfatórios. Não se iluminaram as cabeças dos clientes suficientemente para se aperceberem que já era hora de se irem embora para não se sujeitarem a tais humilhações, nem conseguira este mesmo azeite imunizar o convidado contra o veneno da vexação. Deixara-se picar e, por isso, ficara ainda à espera do que haveria de vir e que nunca tivera o privilégio de encontrar: boa comida e respeito.

Saboreia-se agora o peixe. Ao senhor é servida uma moreia pescada no alto mar com redes de linho e ao cliente uma enguia pescada no rio. O peixe pescado no rio era muito pouco apreciado pelos Romanos, não só pela sua aparência, mas também porque este engordava com os excrementos dos esgotos. Como se não bastasse ter sido servido um peixe pescado no rio, tinha ainda de ser uma enguia, peixe esguio que se esquiva por entre os dedos não se deixando apanhar com facilidade.<sup>26</sup>

Curiosamente, não nos parece ter sido mal escolhida a enguia para servir ao cliente, pois ambos se engordam à custa daquilo que é deitado fora pelos outros e ambos se esquivam por todos os sítios onde estão os senhores, para poderem obter deles algum alimento ou proveito.

Continua o desfile de pratos e seguem-se agora as carnes: o fígado de um enorme pato, frango assado não menor do que um ganso e javali cozido, digno do ferro de Meléagro, que ironicamente ainda espuma, como se tivesse acabado de ser caçado. Relativamente a este pormenor do javali que ainda espuma parece-nos que Juvenal não deixara passar a oportunidade de estabelecer uma estreita relação entre o universo cinégetico e convivial, muitas vezes manifestada sobretudo na literatura grega. Assim, autores como Eurípides, Homero ou Platão aludem à arte

---

<sup>25</sup> Os Fenícios foram os que difundiram pelo Mediterrâneo o uso do azeite como produtor de luz e ensinaram aos demais povos a fabricação de lâmpadas feitas de argila ou bronze.

<sup>26</sup> Sobre os diferentes alimentos da cozinha romana e seu respectivo valor consultar: Jacques André, *L'alimentation et la cuisine a Rome* (Paris 1981); José Guillen, *Urbs Roma. Vida y costumbres de los Romanos. II- La vida pública*. (Salamanca 1986) 209-281.

cinagética e à sua posterior convergência no banquete, residindo neste último a culminação de um processo. Em alguns vasos gregos contemplamos os caçadores a festejar de modo heróico a vitória frente ao animal abatido, como se com tal acto parecessem ter alcançado a imortalidade. A arte etrusca herda da tradição helénica a temática cinagética, mantendo implícita a exaltação da *uirtus* e a consideração de *status* do representado, i.é., do caçador.

De acordo com a carga simbólica da temática cinagética poderíamos entender que na sátira 5 Juvenal dirige um enaltecimento à *uirtus* de Virrão, que vitorioso contempla o animal abatido. Contudo, se comporta a arte cinagética uma carga positiva e gloriosa, a verdade é que não podemos esquecer as críticas feitas por Salústio que define a caça como um *officium seruire*. Neste sentido, parece ser a imagem de Virrão envolvida por um negrume pouco edificante.

Perante a dualidade que poderá ter a temática cinagética, coloca-se-nos a questão: qual a intenção de Juvenal com a imagem do javali que espuma e que se mostra digno do ferro de Meléagro? Relativamente à espuma, é impossível o javali apresentar-se à mesa ainda espumando como se estivesse cru, dada a dureza desta carne selvagem. Além disso, o cozinheiro Apício apresentava o javali nas suas receitas sempre muito bem cozinhado. É certo que alguns animais depois de bem cozinhados espumam, porém parece-nos que Juvenal queria mesmo transmitir a ideia do animal estar ainda vivo. Para tornar a passagem mais grandiosa à boa maneira épica é certo, mas sobretudo para ridicularizar ainda mais Virrão, que apesar de ter uma grande iguaria à sua mesa não a poderia comer dada a dureza da carne.

Mas seria Virrão suficientemente digno para poder ter o privilégio de devorar um javali destinado ao ferro da personagem épica Meléagro<sup>27</sup>? A referência épica (*Iliada*. 11.642) parece ser satiricamente aplicada a Virrão. E isto porque a sua superioridade advém-lhe não de um acto nobre mas da corrupção generalizada e da opulência que se manifesta pela forma como egoísta e cruelmente permite e provoca o sofrimento

---

<sup>27</sup> Cf. Marcial, 1.15 e 17. Referência ao ferro de Meléagro que mata um javali.

dos seus convidados. Acrescente-se ainda que na sátira 1, como já fora referido, Juvenal tinha afirmado que o rico glutão sentara-se à mesa para comer sozinho um javali que deveria ser partilhado numa refeição entre convidados amigos. Nesta perspectiva irónica há-de ver-se a introdução do javali nesta *cena*, pois se se trata de uma refeição com vários convidados, longe estão estes de serem amigos.

Acresce a referência ao javali de uma nova conotação: a imagem de um passado heróico que já não consegue ter lugar na Época Imperial, dada a corrupção, a soberba e a transformação de todos os valores que tem sido cada vez mais evidente. Assim sendo, a presença do javali, mais do que manter presente o verdadeiro hiato social entre ricos e pobres, edifica uma ridícula imagem em torno de uma aparente diferença moral e ética entre as duas classes sociais.

Conseguirá Virrão sair vitorioso deste banquete? A carga simbólica conferida pelo javali demonstra-nos que não, mas como se isto não bastasse o seguinte alimento que desfila nesta *cena* parece inverter a situação da aparente soberba do senhor.

Tudo vê passar o cliente e nada saboreia. Ainda Alédio, um dos clientes, se manifesta discretamente, aludindo aos possíveis antepassados africanos de Virrão numa tentativa de o humilhar, mas de nada lhe serve, pois a indiferença é total.

Seguem-se os cogumelos e de seguida a fruta da época.

*Vilibus ancipites fungi ponentur amicis,  
Boletus domino, sed quales Claudius edit  
Ante illum uxoris, post quem nihil amplius edit.*

*Servem-se aos amigos insignificantes cogumelos duvidosos, ao senhor um só cogumelo, todavia como aqueles que Cláudio comeu antes do que lhe serviu a esposa, depois do qual nada mais comeu.*

*Virro sibi et reliquis Virronibus illa iubebit  
Poma dari, quorum solo pascaris odore,...*  
(5.146-150)

*Virro fez servir a si e aos restantes Virrones aquelas frutas, das quais só serás alimentado pelo odor.*

Depois de um apetitoso e opulento banquete serve-se a sobremesa e a fruta, e aqui temos o subtil culminar de uma situação que, através de um jogo de palavras e de uma perspicaz associação de ideias, consegue inverter quase totalmente a humilhação desprezível que Virrão e os seus Virrones fizeram ao longo de toda a *cena*. Aos hóspedes, serve Virrão cogumelos duvidosos, *ancipes fungi*, mas a ele é servido um cogumelo — *boletus* — digno de um imperador, já que é igual aos que comia Cláudio — *quales Claudio edit*.<sup>28</sup>

O vocábulo *fungus* que significa cogumelo, poderá também ser usado como termo de injúria e neste sentido, estar-se-ia a servir àqueles imbecis um alimento que poderia colocar os seus estômagos em completa combustão. Todavia, não nos parece ser o alimento de Virrão menos duvidoso e ofensivo. E isto pelo facto de ser *boletus* precisamente o tipo de cogumelo que Cláudio comia com bastante agrado, antes daquele envenenado que lhe oferecera a sua esposa e que não lhe permitiu comer mais nada. O vocábulo *boletus* adquire neste contexto um sentido sinistro pois fora o alimento que antecederá a morte de Cláudio, i.é, apesar do Imperador apreciar aquele tipo de cogumelo, nunca mais o pode comer depois de ter comido *illum* envenenado. Transpondo esta ideia para o contexto da ceia de Virrão, *boletus* pode ser o anúncio de uma posterior morte para Virrão, ou pelo menos a expressão de um desejo de morte por parte do poeta e dos próprios convidados. E a corroborar a interpretação de que pode existir aqui o desejo de uma futura morte, ou pelo menos de uma merecida vingança, está a conjunção adversativa *sed*, que ocupando o meio do verso encerra em si uma ironia e de igual modo uma tristeza por parte do poeta como se este quisesse dizer: Que pena ter sido servido ao senhor um cogumelo tão bom como os que comia Cláudio e não um daqueles que fora responsável pela sua morte.<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> Apesar de termos traduzido ambos os vocábulos *fungi* e *boletus* pela designação genérica de cogumelo é óbvio que os diferentes vocábulos sugerem alimentos com características distintas; *boletus*, o qual poderíamos traduzir por míscolo — cogumelo combustível — é um alimento que ao contrário dos *fungi*, não pondo em risco a vida, tem qualidade.

<sup>29</sup> O esclarecimento dos versos 146-8, sat. 5, e mais concretamente da posição que ocupa a conjunção *sed* na frase não é claro em algumas edições das sátiras de

Afinal se o termo *fungi* atribuído aos convidados parecia inicialmente uma injúria feroz, não só pela qualidade do alimento, mas também pelo segundo sentido que apresenta, este não passou de uma palavra insignificante e pouco perigosa comparado com o sentido que *boletus* insinua ter e com todo um jogo de ideias que a ele pode estar associado. Nada é pronunciado directamente, é a simples alusão a Cláudio e a riqueza que pode conter a conjunção *sed* que falam por si.

Mas se pelo menos em pensamento parece estar vingada quase toda a humilhação dos clientes, de novo se retoma a situação inicial: Virrão manda servir a si e aos seus hóspedes mais íntimos umas frutas da época. Os clientes, esses não as comerão, pois a única coisa que os alimentará será somente o odor destas. Curiosamente Juvenal usa o verbo *pasco*, que significa ‘alimentar’, mas que num primeiro sentido significa também ‘apascentar’, ‘levar a pastar’. Quer-nos parecer que de novo é humilhado o cliente o qual não só não pode comer aquelas deliciosas frutas como ainda é tratado como um animal que apenas tem direito a sentir o cheiro das verduras. E esta ideia de se comparar implicitamente o hóspede a um animal tem a sua confirmação na imagem criada logo de seguida quando Juvenal afirma que a este apenas está destinado uma maçã rude como aquela que rói na calçada um macaco amestrado, que aprendendo a montar numa cabra, dispara sobre um javali, para animar os que passavam (5.153-5). Como se não bastasse a comparação com o macaco, há ainda a relação com um espectáculo que é oferecido por um cómico ambulante, para fazer rir os que passam na rua. De facto, é Virrão o cómico que oferece os desprezíveis convidados como motivo de riso e de chacota a todos os que lêem esta sátira.

Segundo Varrão (*Gell.* 13.11.2-5) quatro eram as qualidades que deveria ter um convite para jantar: que os convidados fossem pessoas amáveis e de boa estirpe; que o lugar onde é dada a refeição fosse

---

Juvenal: na edição da *Les Belles Lettres* (Paris 1996) a tradução de *sed* é simplesmente esquecida e na interpretação de Manuel Balasch (Juvenal. *Sátiras* (Madrid 1996) 124 ) a conjunção, não respeitando a vírgula que o antecede, estende o seu significado a toda a frase, sugerindo uma tradução errada. Apenas a nota respeitante a este excerto esclarece o leitor para o verdadeiro sentido da frase.

conveniente; que o tempo fosse oportuno e que a comida fosse cuidadosamente preparada. Perante tais exigências terá sido este convite um bom convite? De facto parece ter sido apenas para Virrão, que aproveitando-se da gula dos clientes preparou um delicioso banquete para humilhar aqueles que pensavam ter sido convidados por amizade.

Na sátira 5 de Juvenal pondera o satírico o desprezo a que estão sujeitos os convidados: nem a vasilha, nem o assento, nem o vinho e muito menos as comidas eram as mesmas que se apresentavam aos ricos. Além disso, se segundo Cícero ou Catão o mais importante de uma refeição era o convívio e não propriamente o prazer da comida, nesta sátira tais valores são completamente invertidos, pois amizade ou uma boa conversa não se consegue encontrar nesta refeição, mas somente o prazer da comida para uns e a esperança do prazer de uma boa refeição para outros.

Nesta sátira pobres vilmente degradados cujo ventre suspira por uma opípara refeição deixam-se aniquilar diante de ricos soberbos, e quando nos parece que a humilhação do pobre é vingada por um simples cogumelo envenenado, que matará o senhor rico, eis que o aviltamento provocada por Virrão se prolonga com a rude fruta que oferece ao pobre. Porém, não nos quer parecer que toda a prostração do desditoso tenha sido provocada por Virrão, pois afinal este apenas se aproveitara da gula desvairada do cliente, que a tudo se submetera na esperança de uma refeição faustosa, e fizera desta uma animada comédia:

*Forsitan inpensae Virronem parcere credas.  
Hoc agit ut doleas; nam quae comoedia, mimus  
Quis melior plorante gula?*

(5.156-158)

Perante circunstâncias tão favoráveis ao rico fora fácil escravizar aquele que se considerava um homem livre, apenas pelos odores da cozinha. Afinal, se fora capaz de aguentar o pobre toda esta humilhação é porque o merecera. O seu ventre o exigira, a sua mente o consentira e ambos pagam agora o preço merecido.

Tendo Juvenal descrito uma *cenam urbanam* vira posteriormente a sua atenção para a *cena* do campo. A sátira 11, apresentada em forma de

epístola onde é feito um convite para uma refeição, que é gastronomicamente modesta e moralmente inocente, obedece aos antigos preceitos, onde a conversa familiar, a sobriedade em termos de comida é a questão primordial. Aqui os alimentos não se compram no mercado, mas são cultivados pelo próprio dono da casa; as vasilhas são modestas e simples tal como o sítio onde se senta o convidado; e os próprios serventes não são importados como os da *cena* de Virro, mas filhos dos criados. O ambiente é propício à conversa, pois não existem na refeição os entretenimentos da casa do rico. Se as bailarinas com danças eróticas e até obscenas apimentam os banquetes dos ricos, na refeição de Juvenal com o seu amigo Pérsico, é a nobre leitura de Homero e Virgílio que a animam: (*Non capit nugas humilis domus.*) Juvenal convida o amigo a entregar-se a uma agradável despreocupação e a ler com atenção, não se importando com a voz com que se lê (11.82 *Quis refert, tales uersus qua uoce legantur?*) Este apontamento da despreocupação com a voz, que realça a importância do conteúdo do poema, encontra paralelo com a crítica que Juvenal fará em relação à exuberância que terão de ter as mesas, as vasilhas e os próprios servos para que os ricos não considerem insípidas as iguarias.

Colocando em confronto os hábitos dos romanos do passado com os do presente, Juvenal pretende salientar na sátira 11 não só a sobriedade da refeição como também dos próprios objectos que lhe estão ligados. Aquilo que na ceia do rico se tornava por vezes mais importante do que a própria comida, como são as vasilhas onde são servidos os alimentos ou os pomposos assentos dos convidados ou a mesa que sustenta o banquete, converte-se nesta sátira em aditamentos supérfluos, como de facto deveriam ser. Afirma Juvenal na sátira 11 (v. 20) que na sua propriedade é possível por 400 sestércios cozinhar em pratos de argila um manjar suculento. De novo é corroborada a ideia já enunciada na oposição entre a voz que lê e o que se lê nos momentos da refeição. À pobreza do recipiente opõe-se a riqueza da comida e, ao contrário do que acontecia na ceia de Virrão, o superficial é superado pelo essencial.

Em oposição aos copos onde é servido o vinho a Virrão, que são feitos de ouro com incrustações de pedras, na sátira 11 os copos são

simples e baratos e a loiça é tosca, pois a única prata que era permitida resplandecia apenas nas armas (11.109-110). A referência às armas, enquanto o único objecto que tinha o privilégio de ser feito de prata, alude ao passado heróico onde os verdadeiros ideais eram realçados. Agora a prata e o ouro perderam o seu valor heróico e passaram a exaltar valores tão vulgares e rotineiros como são os recipientes que sustentam os alimentos necessários para a subsistência do homem.

Juvenal faz também questão de descrever a mesa que é feita da árvore abatida ao acaso e aquela que na casa do rico é apoiada em pés de marfim. E contrapõe, assim, as qualidades não manufacturadas e inventadas da mesa do passado com os novos produtos importados das novas províncias de Roma e das mais extravagantes províncias (11.117-127). Aos ricos, segundo Juvenal, o rodovalho ou a corça assada tornam-se insípidos e o próprio odor das rosas com que se perfumam parece infesto se as suas mesas espaçosas não forem suportadas por robustos pés de marfim ou por um prestigioso leopardo com os dentes bem abertos. Descreve Juvenal com bastante minuciosidade a mesa dos ricos para mostrar a superficialidade das refeições e ao mesmo tempo fazer outras críticas: a referência à cor negra dos Maurítaneos e aos Índios que transportam o elefante enfatiza a presença do estrangeirismo na norma romana e o facto de o elefante ter sido reduzido a uma peça de marfim, acentua a valorização que os Romanos fazem em relação ao que é imóidico e não ao que é essencial: a comida e a conversa saudável e familiar que deve advir de uma refeição.

O pobre que se apresentara, na sátira 1 e 2, ridículo na sua aparência externa, e que na sátira 4 demonstra uma pobreza intrinsecamente vil, conserva na sátira 11 a sua dignidade. Enquanto o rico apresentado como um verdadeiro pervertido na sátira 2, soberbo e altivo na sátira 5, é humilhado na sátira 4 e apresentado como um verdadeiro covarde que se adapta às circunstâncias que melhor lhe convêm e que submisso ao Imperador Domiciano pactua com as suas atitudes ridículas.

Com a referência à sátira 5, novas personagens são apresentadas: O soberbo, pervertido e sacrílego Crispino; Montano o glutão, que parece pensar com o estômago e não com a cabeça, e o Imperador Domiciano

que, confrontado com a insólita situação de receber como oferta um enorme rodvalho, manda ridiculamente reunir o conselho para saber como se deveria preparar o monstruoso peixe.

Num tom épico-burlesco o insólito episódio relatado na sátira 4 alarga a sua crítica ao próprio governador, ao *consilium principis* e a toda a estrutura política. Colocando-se a comida ao serviço da invectiva política, a crítica baseia-se na caracterização do mau político como tirano e intemperante, que possui o gosto pela excentricidade e pelo ridículo, e baseia-se de igual modo na crítica ao servilismo cobarde e adulator de todos os que cercam Domiciano, que aceitam deliberar sobre um assunto demasiadamente trivial e aos olhos dos mais sensatos ridículo, como é o hábito rotineiro de preparar uma refeição. Convém, porém recordar que para além do tamanho do rodvalho exceder qualquer travessa real, a comida era na época Imperial uma divindade que merecia todo o respeito do romano, ainda que este fosse o Imperador. Além disso, obedecer às ordens do Imperador era a melhor forma de adulação.

Sobre o rodvalho pronunciara Horácio uma frase interessante: *Grandes rhombi patinaeque / grande ferunt una cum damno dedecus* ‘grandes rodvalhos e grandes pratos trazem um grande gasto e escândalo’ (*sat.* 2.95-96). Para além de toda a verdade que contém esta afirmação, adapta-se perfeitamente à pessoa de Crispino e ao próprio Imperador. Grandes gastos teve Crispino com a compra de um enorme peixe, tal como Domiciano quando mandara fabricar um prato suficientemente grande para o tamanho do rodvalho oferecido, e grande escândalo se tornou a reunião do conselho para deliberarem sobre um assunto de tão grande interesse para o estômago do Imperador: como preparar o rodvalho!

Domiciano, o Imperador que segundo Suetônio no início do seu reinado tinha por hábito apanhar moscas e trespassá-las (*Dom.* 3.2-3), que oferecia banquetes com frequência e adorava a boa comida, e que, por isso, com o passar dos anos possuía um ventre demasiado obeso (18.2), será apresentado por Juvenal de uma forma que corrobora as palavras de Suetônio. Após uma breve alusão a Domiciano no verso 12 da sátira 4 — *sub iudice more* — onde desde logo se anuncia o degradado poder de

Roma, o Imperador é finalmente apresentado no verso 28 de uma forma pouco edificante:

*Qualis tunc epulas ipsum glutisse putamus  
Induperatorem, cum tot sestertia, partem  
Exiguam et modicae sumptam de margine cenae,  
Purpureus magni ructarit scurra Palati,  
Iam princeps equitum, magna qui uoce solebat  
Vuendere municipes fracta de merce siluros?*  
(4.28-33)

Associado desde logo às faustosas refeições, para as quais tem de vomitar tantos sestércios e à ideia de um *induperatorem*, termo arcaico e épico, que traduz o estado obsoleto do Imperador, face aos perigosos abusos da época, Juvenal traça desde logo o perfil de Domiciano como glutão esbanjador, que consente a adulação e a entrada na corte da ostentação de luxos e riquezas, personificada nos purpúreos trajes de Crispino.<sup>30</sup>

O uso e colocação da forma verbal *ructarit* ‘vomitará’, no meio do verso, parecendo dar continuidade e intensificar o significado do vocábulo *glutisse* bem como abrir caminho para as palavras usadas pelo pescador no momento em que oferece ao Imperador o enorme rodovalho: *Propera stomachum laxare saginis / et tua seruatum consume in saecula rhombum* (4.67-8), confere ao Governador uma conotação ainda mais negativa. Além disso, o arcaico vocábulo *induperator* em confronto com a forma vulgar *glutisse* e a constante presença de uma oscilação entre nomes vulgares e elegantes, (*purpureus, scurra, ructarit, principes...*) para além da imagem pouco nobilitante e real que cria em torno do Imperador, confere ao texto um tom épico-burlesco digno de uma personagem que, apesar de se considerar ao nível de um deus, comporta-se como um insignificante romano que tudo faz para matar a sua fome.

---

<sup>30</sup>Victor Hugo, grande apreciador de Juvenal, fizera na sua obra referência à sua sátira 4 e não deixara passar despercebida a figura do Imperador e de todo o Senado. Afirmara *in Splendeurs...* ‘Juvenal, nos avons de quoi faire un senat?’ e acrescentara *in Eblouissements* depois de um longa revista pelos grotescos imperadores: ‘Noirs empereurs romains couchés dans les tombeaux/ Qui faisiez aux senats discuter les turbots’.

O facto de o Imperador ter sido apresentado após a caracterização de Crispino, — *monstrum nulla uirtute redemptum a uitiiis* — leva-nos a fazer convergir as duas personagens, aparentemente opostas, numa mesma direcção.

Crispino, apresentado já na sátira 1 como homem vaidoso cujos trajes luxuosos não se adequam à posição que ocupa na hierarquia social, é referido pela segunda vez através de um exercício retórico-intelectual em que o número de palavras diminui à medida que os vícios que o caracterizam se tornam mais intensos e piores. Crispino é um homem perverso, que vive unicamente para o prazer, um corrupto e um sacrílego, que violara uma vestal que ficara condenada a ser enterrada viva. Curiosamente Juvenal antes de apresentar o Imperador, faz ainda questão de relatar um episódio que quase poderíamos considerar como o anúncio do que iria ser relatado posteriormente em relação a Domiciano. Crispino comprara um salmonete caríssimo, ou melhor umas escamas, que ao contrário do que se esperaria não se destinava a ser partilhado com ninguém, mas seria unicamente para si. A referência ao preço do peixe, superior ao do pescador, mostra a grande diferença existente entre o valor dos escravos e da comida; e a referência às escamas do peixe tomadas como o próprio peixe pode ser entendido no sentido figurativo como a rudeza do seu dono.

A figura de Crispino surge de acordo com um processo retórico — a *propositio* — onde Juvenal faz questão de se fazer notar como um narrador a sério, ou como um verdadeiro declamador, o que obviamente torna mais realistas as suas palavras.

O satírico anuncia a presença do Imperador sem referir o seu nome e logo depois faz uma pausa para, à boa maneira épica, fazer um invocação a Calíope, dado que iria contar um facto real. As palavras *res uera* ridicularizam ainda mais a actuação do Imperador, pois dão como verdadeiras todas as afirmações que se fizerem a seu respeito. E para depreciar ainda mais a sua figura Juvenal convida as Musas a sentarem-se com ele — *licet et considerare, non est / cantandum, res uera agitur* — quando os discursos e os recitais poéticos eram proferidos de pé.

Com o intuito de chamar a atenção do leitor para o que iria narrar, Juvenal traçara uma aparente divisória entre a primeira e a segunda parte da sátira, em que a segunda se distingue pela sua faceta real. Porém, a unidade é desde logo estabelecida pela presença de um rodovalho que caído no Templo de Vénus se apresenta ao Pontífice Máximo para ser devorado unicamente por ele, tal como Crispino comprara um caríssimo peixe para o devorar sozinho. Une as duas partes da sátira a presença da comida, e, segundo o autor Aldo Luiso, une-as curiosamente a referência a uma sacerdotisa, provavelmente Cornélia, que Crispino fora acusado de violar e que fora enterrada viva por ordem de Domiciano.<sup>31</sup>

Nesta sátira 4 míseros hábitos se criticam. Desde logo, a pretensão de Domiciano se comparar aos deuses que recebem diante de si oferendas, a falsa amizade, a evidente adulação e o desesperado servilismo que o Conselho manifesta quando aceita deliberar sobre a forma como deveria ser cozinhado o peixe que seria devorado por aquele que tanto odiava o Senado. Olhando a entrada do peixe sem poderem entrar antes dele, todos parecem não contrariar o Imperador, pelo que entre os adutores, Veientão vê o presságio de uma grande vitória militar para Domiciano, dado que não possuía o peixe escamas, mas lanças erectas. Pobres adutores, de nada lhes valeram tais presságios, que contribuíram apenas para ridicularizar a figura do Imperador como militar. Somente Montano, identificado segundo uma perífrase épica ridícula e irónica — *Montani quoque uenter adest abdomine tardus* —, um velho glutão que vivera no luxo da corte de Nero, conseguiu com a sua respeitável idade e com a sua estimada barriga encontrar a solução para o caso: faça-se um recipiente bastante largo para que nele caiba o imenso peixe. Domiciano que desde o início aparecera sob a forma de sombra, da qual nunca se pronunciara directamente o nome, assim continuara no final da sátira. Quem saiu triunfante afinal? O único que

---

<sup>31</sup> Luiso Aldo, *Il Rombo e la Vestal, Giovenale, Satira IV* (Bari 1998). O autor Aldo Luiso considera que poderá ser a sátira 4 uma crítica à actuação do Imperador, que injustamente condenara a vestal Cornélia à morte sem lhe dar o direito de se defender ou sem ouvir testemunhas que pudessem esclarecer o caso ( Suet. *Dom.* 8.4). E esta crítica surge do paralelo que existe entre a brutalidade própria de um tirano manifestada quer no caso da vestal, quer no caso do enorme rodovalho.

merecera tal honra fora, como sempre, a voz do estômago tornada audível pela boca de Montano, um velho que tendo pertencido à corte de Nero, prolongara a autoridade deste, e a defesa da arte de bem comer.

Iniciando-se a apresentação de Domiciano com a referência a Nero e terminando o conselho com a presença de um representante deste mesmo Imperador, adquire agora mais sentido a comparação entre Domiciano e o calvo Nero<sup>32</sup> e torna-se mais esclarecedora o facto de se apresentar Domiciano como o último e o terceiro da dinastia dos Flávios, aquele que surgindo num mundo meio morto e escravo de Nero, contribuíra para continuar a decadência em que se vivia (4.37-8).

Devora o estômago tudo o que deseja e sentem-se os Romanos senhores da sua própria vontade. Ao pecado da gula ninguém escapa, nem o desejam os Romanos já que lhes dão prazer os divertimentos proporcionados pelo Imperador e as iguarias que conseguem ou pelo menos têm esperança de conseguir oferecer ao seu estômago. Na sátira 4, na continuação de outras referências, aponta Juvenal a falta de um *decorum* que afectara o próprio Imperador com o evidente contraste entre a sua posição social e os interesses que o preocupam: como cozinhar um rodovalho, que ainda por cima seria devorado somente por si.

Mas permite ainda a comida distinguir o valor e a apreciação que tinham certos Romanos na sociedade da época. Afirma Juvenal que seria mais barato alimentar um leão do que o estômago de um poeta (8.75-78). Pretenderá chamar a atenção o satírico para alguns falsos poetas que, ousando apropriar-se dos louvores que não merecem, aproveitam a situação para comer copiosas refeições?

Chama ainda Juvenal a atenção para os advogados, retóricos e gramáticos. Se sai triunfante o advogado é pago com uma comida e um vinho de muito má qualidade. Ao retórico é-lhe dado apenas uma mísera quantidade de dinheiro para comprar um pouco de comida. E continua o satírico referindo que os próprios gastos com os filhos são menores do

---

<sup>32</sup> Domiciano apresenta-se ainda muito novo calvo (Suet. *Dom.* 18). Porém a simples comparação parece-nos encerrar um sentido mais abrangente em termos de aspectos comuns na governação, o que significa que a comparação inicial ganha um sentido mais lato.

que os que se comparam com os da comida. Confirma Marcial estas ideias quando imaginando estar a responder a Lupo sobre a melhor educação a dar ao seu filho, aconselha o jovem a escolher qualquer profissão desde que não seja a de retórico ou gramático, pois para além de ser mal paga não era tão apreciada como outras profissões na sociedade romana. Aconselha-o Marcial a escolher a profissão de citarista, flautista, pregoeiro ou arquitecto (5.56). Esquecera-se certamente o autor de referir a profissão mais cara da Época Imperial — a de cozinheiro. Analisa assim Juvenal todas as situações supra citadas com a amargura do seu *ingenium*, com a força da *indignatio* e denuncia o satírico a constante humilhação a que se vêem reduzidos muitos Romanos honrados, onde certamente também se vê incluído.

A fim de compreendermos melhor a importância que as referências gastronómicas adquirem nas sátiras de Juvenal recordemos um passo da *História Natural* (26.43) de Plínio-o-Velho.

*O que mais perturbação traz ao homem é o ventre, para o qual vive a maioria dos mortais. Uma vez não deixa passar os alimentos, outras vezes não os retém, outras vezes não os aceita, outras vezes não os digere. Os costumes chegaram a tal ponto que pela comida se dá a maioria das mortes. A pior das entranhas do corpo é exigente como um credor e insiste várias vezes ao dia. É sobretudo por causa dele que a ganância se agita, que a luxúria se espreita, por ele se navega até ao Fásis, por ele são devassados os abismos do mar. Ninguém avalia a sua baixeza pela imundície do resultado. Por isso, é também ele que dá mais trabalho à medicina.*

Aqui se concentram as grandes linhas de pensamento sobre a alimentação e por conseguinte da sociedade em que se insere: defesa duma alimentação frugal; condenação do luxo gastronómico e das importações sumptuosas de iguarias exóticas; preocupações higiénicas em relação à alimentação; sensibilidade para as implicações económicas do comércio alimentar e acima de tudo conselhos para alterações de hábitos e costumes e até mesmo dos preceitos morais de toda a sociedade em questão.

Em suma digamos que é toda a organização social romana que transparece cada vez que o satírico nos coloca diante de um excêntrico banquete ou de uma mísera refeição.

Porém, a insaciável vontade de devorar os alimentos, que se tem ou que se deseja ter, não consegue superiorizar a fraqueza da idade. Apesar de muitos solicitarem aos deuses uma longa vida (10.188-189), a verdade é que os traços físicos e psicológicos não são mais os mesmos e, por isso, o velho há-de roer com uma boca desdentada — *frangendus misero gingiua panem inermi* — (10.200) e o seu paladar já não se conseguirá deleitar nem com o vinho nem com a comida (10.203-204).

Curiosa nos pareceria inicialmente a afirmação: um bom satírico é antes de mais um bom cozinheiro. Porém com o breve estudo das sátiras de Juvenal, a afirmação passa a ter sentido, pois, quem melhor do que o cozinheiro conhece os diversos ingredientes que utiliza nas suas receitas e quem melhor os combina de acordo com a boca que vai saciar. A gastronomia surge como uma técnica importante na Sátira e se em Juvenal esta realidade é evidente, em Horácio ela também já o era sobretudo em quase todas as sátiras do seu livro segundo. Em ambos os autores, os gostos requintados e pouco apropriados às situações em que se inserem permitem fazer uma evidente crítica social e os conselhos culinários surgem como metáforas para a vida moral, literária, social e até mesmo política.

As palavras camilianas pronunciadas no início deste trabalho, ainda que em tempos e contextos diferentes, permitem-nos entender que o universo literário continua a enriquecer-se com realidades tão diversas como diversos são os entendimentos humanos. Por isso, terminamos o nosso trabalho de novo com as palavras de Camilo Castelo Branco, pronunciadas no seguimento da carta dirigida ao seu amigo Novais:

*Das impertinências daquele aparelho digestivo que a natureza deu ao poeta, por caçoada, tinha eu muito que discorrer, se viesse a ponto escrever um libelo contra o fabrico do poeta.*<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> Antero de Quental, *Páginas Quase Esquecidas* (recolha, apresentação e notas de Alexandre Cabral), tomo I (1972) 71

\* \* \* \* \*

**Resumo:** A linguagem e as imagens gastronómicas apresentam-se nas sátiras de Juvenal como um importante instrumento de crítica e conhecimento da sociedade romana. A descrição de um banquete ou de uma refeiçãozita frugal converte-se no espelho de uma sociedade profundamente absorvida por uma mentalidade que perdera de vista os antigos preceitos morais, éticos e sociais.

**Palavras-chave:** Linguagem e imagens gastronómicas; crítica social (cultural, política e económica); Juvenal; Literatura Latina.

**Resumen:** El lenguaje y las imágenes gastronómicas surgen en las sátiras de Juvenal como un importante instrumento de crítica y de conocimiento de la sociedad romana. La descripción de un banquete o de un frugal refrigerio se convierte en el retrato de una sociedad profundamente absorbida por una mentalidad que había perdido de vista los antiguos preceptos morales, éticos y sociales.

**Palabras clave:** Lenguaje e imágenes gastronómicas; crítica social (cultural, política y económica); Juvenal; Literatura Latina.

**Résumé:** Le langage et les images gastronomiques des satires de Juvénal se présentent comme un important instrument de critique et de connaissance de la société romaine. La description d'un banquet ou d'un repas frugal devient le miroir d'une société profondément absorbée par une mentalité évidée des anciens préceptes moraux, éthiques et sociaux.

**Mots-clé:** Langage et images gastronomiques; critique sociale (culturelle, politique et économique); Juvénal; littérature latine.